

A·CULTURA·DO

PEPINO

MINISTÉRIO DA ECONOMIA
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS AGRÍCOLAS

NOÇÕES ELEMENTARES À CÊRCA DA CULTURA

DO

PEPINO

(Texto elaborado pela Repartição de Serviços Arborícolas e Hortícolas)

Serviço editorial
da Repartição de Estudos, Informação e Propaganda

1942

CAMPANHA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA-SÉRIE B-N.º 15

“Nenhuma fonte de substâncias alimentares, recanto ou nesga de terra pode ficar inactiva” . . .

Se dispõe dela, aproveite-a como medida de previsão e de economia, cultivando produtos hortícolas necessários à sua alimentação.

USOS E VALOR ALIMENTAR

O pepino é conhecido desde a mais remota antiguidade. Na Índia, donde parece ser originário, já era conhecida a sua cultura 3.000 anos antes de Cristo. Esta cucurbitácea foi introduzida na Europa oriental em época muito recuada e daqui irradiou para os países da Europa ocidental, onde a sua cultura se encontra mais ou menos generalizada.

Os seus frutos são bastante apreciados, constituindo objecto de largo consumo.

O pepino, sob o ponto de vista alimentar, é pouco nutritivo e um tanto ou quanto indigesto, mas goza de propriedades refrescantes e depurativas, que lhe são dadas por sais orgânicos de potassa, soda, cálcio, ferro e fósforo, que contém em combinações facilmente assimiláveis pelo organismo.

A análise química do pepino revela a seguinte composição média: água, 95,5 %; proteínas, 0,93 %; substâncias gordas, 0,14 %; hidrocarbonatos, 2,94 %, e substâncias minerais, 0,47 %.

Como alimento vitaminado é relativamente insignificante o seu valor.

Êste fruto é, desde longa data, empregado como alimento, sendo geralmente utilizado em verde, incompletamente maduro, na confecção de variadas saladas. Também, em algumas regiões, é consumido cozido e preparado com diversos mólhos. Juntamente com o tomate e diversas plantas aromáticas entra na composição dum prato regional, o «gaspacho», largamente vulgarizado e apreciado nas nossas províncias do sul.

Utiliza-se igualmente em várias conservas, mas, para êste fim, deve o fruto ser colhido quando tem apenas 5 a 7 centímetros de comprimento, cultivando-se de preferência a variedade «Cornichon verde».

O pepino, durante a época de produção, entra largamente na composição das ementas caseiras, e, por isso, no intuito de vulgarizar a sua cultura, se descrevem sumariamente as operações e cuidados necessários para a obtenção dêste fruto em cultivo que designaremos por caseiro.

VARIÉDADES A CULTIVAR

São conhecidas e cultivadas inúmeras variedades de pepino. Limitar-nos-emos a indicar aquelas que, pela sua adaptação, produtividade e qualidade, são mais apreciadas e se encontram, por isso, bastante vulgarizadas.

Pepino de Atenas ou grego — variedade serôdia, de fruto oblongo, cilíndrico, casca lisa, de côr verde, polpa branca, fina.

Pepino da China — variedade semi-temporã, de fruto oblongo, ligeiramente achatado, comprido, casca lisa, de cor verde-claro, estriada de amarelo-pálido, com algumas pontuações espinhosas, polpa branca e tenra.

Pepino pequeno verde (Cornichon) — variedade de frutos pequenos, oblongos, casca verde-escuro, rugosa, com muitas pontuações espinhosas.

Esta variedade é geralmente empregada em conservas.

Pepino da Póvoa — variedade temporã, frutos oblongos, compridos, às vezes encurvados, casca de cor verde com pontuações espinhosas, polpa branca, tenra.

PREPARAÇÃO, ARMAÇÃO

E FERTILIZAÇÃO

DO TERRENO

O pepino, como em geral todas as cucurbitáceas, é uma planta que necessita de calor para se desenvolver, exigindo por consequência terrenos abrigados e expostos de preferência ao sul ou nascente.

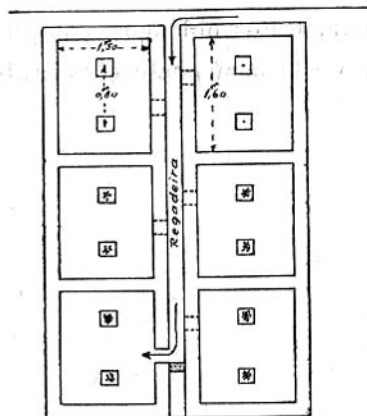
Prefere os terrenos leves ou medianamente compactos, profundos, frescos e ricos em matéria orgânica. Teme os terrenos muito frios e úmidos.

Escolhido o terreno para a cultura, deve este ser bem cavado, destorroado e alisado, convindo que esta operação se realize com

alguma antecedência da sementeira. Na ocasião da cava, deve incorporar-se no terreno estrume bem curtido na dose de 150 a 200 quilogramas por are (100 metros quadrados).

Se o terreno se encontrar muito calcado e ervado na ocasião da sementeira, deverá fazer-se uma segunda cava, mais ligeira que a primeira, procedendo-se nessa ocasião à armação do terreno. Esta pode ser feita de várias formas; entretanto, para evitar confusões, apenas descreveremos uma das mais generalizadas.

Fig. 1



Esquema da armação do terreno



Corte transversal da armação do terreno

Marcam-se no terreno faixas de 1,5 metro de largura e de comprimento variável conforme a superfície a cultivar, separando estas faixas umas das outras por meio de um camalhão ou cômodo de terra.

Ao centro de cada faixa abre-se uma fiada de covas, distanciadas umas das outras 75 a 80 centímetros. As covas deverão ter aproximadamente 35 centímetros de profundidade por igual dimensão no comprimento e largura.

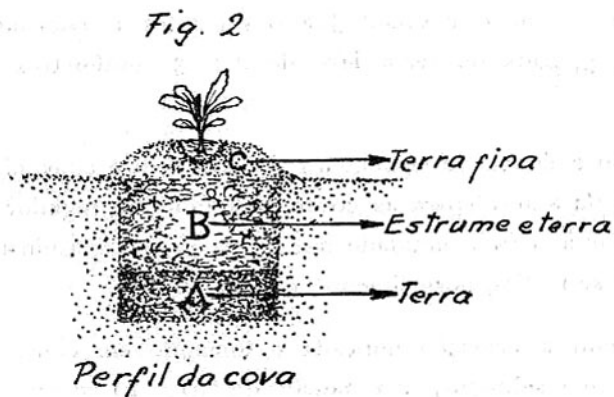
Entre cada par de faixas deverá ficar um rêgo para a condução da água de rêga. As faixas serão divididas transversalmente por pequenos camalhões, de maneira a formar pequenos canteiros com duas covas cada um (fig. 1).

As covas devem ser cheias até um têrço com a terra que se retirou da parte superior, ao abri-la.

Sôbre esta terra lançam-se dois a três quilogramas de estrume bem curtido ou uma mistura de estrume e terriço, que se mistura com mais alguma terra de forma a ficar a cova cheia.

A camada de estrume é coberta com terra fina, bem pulverizada, disposta de modo a formar um pequeno cômodo (fig. 2), sôbre o qual se abre uma cova, destinada a receber a semente.

Esta disposição tem por fim evitar que, na ocasião da rega, a água contacte com o pé da planta.



A estrumação indicada pode ser vantajosamente auxiliada ou reorçada com a adição, por cova, da seguinte mistura:

	Gramas
Superfosfato de cálcio.....	35
Sulfato de potássio.....	15
Sulfato de amónio.....	15

que se deve encorporar com o estrume.

SEMENTEIRA

A sementeira do pepino é feita geralmente no lugar definitivo. Só na cultura forçada ou antecipada se recorre à transplantação.

O período de sementeira em plena terra escalona-se, conforme as regiões, de março até meados de junho; isto é, quando já não sejam de recear as geadas e frios intensos.

A sementeira faz-se ao centro da cova como se indica na fig. 2, lançando no pequeno covacho 5 a 6 sementes e cobrindo-as com uma ligeira camada de terra leve de 2 a 3 centímetros de espessura.

Quando a época de sementeira decorra sêca é conveniente regar de véspera ou ante-véspera as covas, utilizando um regador com ralo, a fim de dar à terra a umidade necessária para a germinação da semente, que se realiza, normalmente, em 7 a 10 dias.

Utilizando a armação indicada e tomando em consideração os compassos aconselhados, um talhão de 10 × 10 metros (um are) comportará 91 covas, que podem ser semeadas com 15 a 20 gramas de semente.

CUIDADOS CULTURAIS

Quando as plantas apresentam as primeiras folhas, procede-se ao desbaste de forma a deixar em cada cova apenas duas plantas. Nos primeiros tempos é necessário aplicar amiudadas sachas, a fim de destruir as más ervas e manter um certo grau de umidade. É conveniente

vigiar o ataque das lesmas e caracóis que, muito ávidos, devoram as fôlhas novas logo depois da germinação. Aconselha-se circundar as plantas com uma mistura de cal e cinza peneirada que, enquanto sêca, impede ou dificulta a chegada dos referidos parasitas às plantas ou proceder à sua apanha de manhã cedo.

Durante a vegetação, os pepinos agradecem regas copiosas, cujo número depende do estado do tempo e da maior ou menor frescura do terreno.

A rama dos pepinos, à medida que vai crescendo, vai-se distribuindo pelo terreno, de modo que os lançamentos não se embarcem uns nos outros.

O pepino é uma planta que tanto vegeta rastejando como trepando, pelo que, quando se queira, se poderá fazer uma armação em cana ou madeira junto a cada cova, conduzindo e ligando as hastes da planta de forma a apoiarem-se sôbre a armação e a ela se fixem por meio das gavinhas.

PODA OU CAPAÇÃO

Esta operação não se torna tão indispensável no pepino como no melão, havendo casos — como na cultura para a obtenção de frutos destinados a conserva que, como já dissemos, são colhidos muito pequenos, interessando, portanto, a quantidade — em que a capação não se deve praticar.

Contudo, desde que se trate de cultura para a produção de frutos para consumo em verde, é conveniente realizar aquela operação, que favorece o desenvolvimento do fruto, procedendo da seguinte forma: quando as plantas se encontram com 4 ou 5 fôlhas, corta-se o caule

acima da 3.^a ou 4.^a folha. Os três ou quatro ramos que se desenvolvem na axila das folhas que se deixaram devem ser mais tarde cortados acima da 5.^a folha, tendo o cuidado de distribuir regularmente pelo terreno os lançamentos que se formarem e se deixam crescer livremente, até à aparição dos primeiros frutos, despontando-se então estes ramos terciários uma folha acima do último fruto.

TRATAMENTOS

Os pepinos são atacados por diversos parasitas animais e vegetais, sendo, porém, mais freqüente e pernicioso o ataque dos pulgões, do míldio e o branco ou oídio das abóboras. Os pulgões podem ser combatidos, logo no início da sua aparição, com pulverizações duma solução ou mistura líquida de rotenona ou de piretro.

O míldio, que se manifesta pelo aparecimento, nas folhas, de manchas verde-amareladas, nitidamente delimitadas pelas nervuras, provocando o seu apodrecimento ou secamento, pode evitar-se aplicando, preventivamente, duas ou três pulverizações com calda bordalesa a 1%.

Para evitar ou atenuar o ataque do oídio ou branco das abóboras, devem fazer-se também duas ou três polvilhações com enxôfre flor ou enxôfre finamente moído.

COLHEITA E PRODUÇÃO PROVÁVEL

A colheita do pepino para consumo em verde inicia-se; normalmente, 3,5 a 4 meses após a sementeira, podendo prolongar-se por cerca de mês e meio.

A produção é muito variável, podendo computar-se em 6 a 8 frutos por cova, ou sejam, em média, 546 a 728 por are.

Estas indicações, que se devem tomar como aproximadas, têm por fim habilitar as pessoas que desejem realizar a cultura do pepino, ao cálculo da área que necessitam para prover às exigências do seu consumo.

Direcções e números telefónicos dos Organismos Regionais da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas

Organismo	Direcção	N.º do telefone
Brigada Técnica da III Região ... Delegação de Bragança Delegação de Chaves.....	Rua da República — Mirandela .. Avenida João da Cruz, 80. Rua de Santo António.	Mirandela 21
Brigada Técnica da IV Região... Delegação de Coimbra..... Delegação de Leiria.....	Rua do Carmo — Aveiro..... Estrada da Beira, 223..... Lugar de Santo Amaro.....	Aveiro 198 Coimbra 1203 Leiria 29
Brigada Técnica da V Região ...	Praça do Comércio, 25—Lamego	Lamego 23
Brigada Técnica da VII Região...	Rua Dr. Francisco dos Prazeres— Guarda.....	Guarda 19
Brigada Técnica da VIII Região..	Avenida Combatentes da Grande Guerra — Castelo Branco.....	C. Branco 158
Brigada Técnica da IX Região ...	Rua Sangreman Henriques — Cal- das da Rainha.....	C. Rainha 128
Brigada Técnica da X Região.... Delegação de Abrantes..... Delegação de Vila Franca de Xira	Avenida António Santos — Santa- rém	Santarém 51
Brigada Técnica da XII Região... Brigada Técnica da XIII Região .. Brigada Técnica da XIV Região..	Rua Avelar Machado — Rossio ao Sul do Tejo. Rua Dr. Manuel de Arriaga, 43 .. Praça 28 de Maio — Évora..... Avenida Todí, 93-95 — Setúbal... Largo 1.º de Maio, 1-A, 1.º, Dt.º — Beja	V. F. de Xira 47 Évora 146 Setúbal 477 Beja 78
Escola Agrícola Móvel «Alves Tei- xeira»	Vidago	Vidago 16
Estação Agrária do Pôrto.....	Quinta de S. Gens — Senhora da Hora	S. da Hora 22
Estação Agrária de Viseu	Viseu.....	Viseu 97
Pôsto Agrário de Braga..... Delegação de Fafe..... Delegação de Viana do Cas- telo	Lamações — Braga	Braga 421
Pôsto Agrário de Elvas.....	Rua Teófilo Braga, 38	Fafe-Pôrto 1
Pôsto Agrário de Solavento do Algarve..... Delegação de Lagos	Sind. Agr. de Viana do Castelo.. Estrada de Gil Vaz — Elvas.....	V. Castelo 17 Elvas 47
Pôsto de Culturas Regadas de Alvalade	Tavira	Tavira 45
	Lagos.	
	Alvalade (Sado).	

Sociedade ASTÓRIA Lda.
ARTES GRÁFICAS
Regueirão dos Anjos, 68 - Lisboa

MINISTÉRIO DA ECONOMIA



CAMPAÑA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA